

Por uma política da fantasia.
Da clínica psicanalítica como prática política.

Eduardo Leal Cunha

eduardo@ctmarketing.com.br

* * *

Propomos aqui uma discussão da clínica psicanalítica como prática política, na qual se articulem os elementos da política na contemporaneidade e a psicanálise, não só em seu corpo teórico mas também em sua prática cotidiana e implicações éticas. Pensamos então em qual seria uma resposta propriamente psicanalítica aos enfrentamentos políticos da atualidade e oferecemos como tal uma política da fantasia, de afirmação da diferença e da singularidade. Política do mínimo, que se faz ato em um ambiente de penúria.

* * *

Freud em algum momento nos diz que as fantasias são construídas a partir do que a criança ouve em seu período pré-histórico, ainda que não entenda completamente: pequenos fragmentos de sentido, restos de narrativa, sobras deixadas pelo outro¹. Segundo ele, é também a partir de restos como esses que o poeta pode escrever² e cada um de nós pode, cotidianamente,

¹ Masson, J. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess* Rio de Janeiro: Imago, 1985 p.50

² Freud, S. “El creador literario y el fantaseo” in Freud, S. *Obras completas* Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996 vol. IX pp.123-135

produzir novas fantasias que se recombinem em outras possibilidades de sua própria história e inserção no mundo – passado, presente e futuro³.

As muitas narrativas que povoam a vida anímica são sempre obra de combinações e recombinações, pedaços de realidade e de desejo que se misturam na tessitura dos limites entre o eu e o mundo, tanto quanto na construção do próprio Eu. Mesmo a obra freudiana, essa mitologia moderna⁴, não pode ser tomada em consideração sem levarmos em conta seus romances, novelas e fábulas – seus grandes e pequenos dramas, sua ficção.

Ficção que é construída de palavras, mas cujo mecanismo – forma e conteúdo – está também submetido ao domínio da pulsão, ao regime da força e das intensidades – prazer e desprazer. Não é por acaso que, ao falar da fantasia e do fantasiar, Freud tomará muitas vezes como modelo o jogo, sobretudo o jogo infantil, o brincar. Nesse jogo se desenham não só o real e o imaginário, mas também o eu e o outro – a desrealização, de que fala Freud, por exemplo, no texto sobre o distúrbio de memória na Acrópole, traz consigo a despersonalização. Fantasiar também pode significar experimentar a morte. Transitoriedade e inexistência. Mas se negar a realidade pode trazer a negação de si, reconstruir a si, reinventar a enunciação onde o eu se revela, opera também a transformação do mundo, define o real e o irreal, traça os limites da nossa ação – até onde podemos ir.

Na carta escrita a Romain Rolland em 1936, Freud, o analista, se coloca diante de alguém a quem pede que o escute, e lhe oferta “o dom de uma

³ Freud, S. “Sobre los recuerdos encubridores” in Freud, S. *Op. cit.* vol.III pp.291-315

⁴ Borges, Jorge Luís *O ofício do verso* São Paulo: Companhia das Letras,

criatura empobrecida”⁵. Seu primeiro passo em sua aventura tardia é por em desordem o tempo: o incidente de que trata a carta havia acontecido há muitos anos – uma geração atrás – e esteve durante todo esse tempo em sua mente, como um resto que não pode ser absorvido. Naquele momento, diante de uma testemunha na verdade ausente, ele trata então de rescrever a sua história – a partir de um pequeno incidente, uma falha, uma dúvida. Freud recolhe os rastros do seu desejo e os rearranja em novas narrativas: da sua vida, da sua obra⁶.

Como Freud diante da Acrópole, ou diante da presença ausente de Romain Rolland, cada um de nós, pode, fantasiando, em face de uma testemunha, de alguém que lhe escuta, construir a sua própria realidade, sua interpretação do mundo. O que não é pouco, se considerarmos que no mundo, sobretudo neste nosso, pós-moderno, não há nada além de interpretações que se alastram⁷. E se enfrentam, se afirmam umas contra as outras em jogos de verdade e de poder⁸.

Será esse fantasiar, então, um ato político?

Podemos responder que sim, ao tomar o termo política em seu sentido mais amplo, segundo Lalande: o modo como os seres humanos se organizam em grupos e agem uns em relação aos outros⁹. Podemos, ainda, responder positivamente, mesmo tomando-o em seu senso mais estrito, referente a Estado e Governo, se considerarmos que estamos na era do bio-poder e que

⁵ Freud, S. “Um distúrbio de memória na acrópole” in Freud, S. *Edição Stanadard brasileira das obras psicológicas completas* Rio de Janeiro: Imago, 1985

⁶ Santos-Tabacof, Maria Eunice *Entre a memória e o olhar: observações sobre ‘Um distúrbio de memória na Acrópole’* Manuscrito inédito.

⁷ Vattimo, Gianni *A tentação do realismo* Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2001

⁸ Birman, Joel *Entre o cuidado e o saber de si* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000

⁹ Lalande, A. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie* Paris: Quadrige / PUF, 1988 p.785

nossos corpos são, como indica Agamben, o elemento político fundamental, ponto de referência e ancoragem do moderno Estado soberano¹⁰.

Gostaríamos, no entanto, de responder que sim a essa interrogação, apoiando-nos em dois outros sentidos da política, sentidos que talvez sejam também, de certa forma, restos, e que encontramos no nosso dicionário de uso corriqueiro, o “Aurélio”: a política como “*habilidade no trato das relações humanas, com vista à obtenção dos resultados desejados*”; a política como “*astúcia, artifício, esperteza*”¹¹.

Com base no primeiro desses significados menores, periféricos, teríamos uma política cuja estratégia encontra seu fundamento numa pergunta formulada ao desejo. Como a enunciada por Fanon na luta pela igualdade entre negros e brancos e pela liberação do domínio colonial – “*o que quer um negro?*”¹². Questão que podemos desdobrar em infinitas outras: o que quer uma mulher, um cidadão do terceiro mundo, um homossexual, um favelado, um empresário, um terrorista, um analista ou o seu paciente? A política pode ser aqui singular, mais do que individual, tecida nas tramas do desejo, suas possibilidades e impossibilidades.

Depois, apoiando-nos no segundo sentido recolhido no dicionário, pensamos também numa política pequena, micro, embora, certamente, criativa. Pequenos atos, pequenos enfrentamentos, pequenas vitórias ou derrotas. Batalhas que se dão fora do grande cenário, à margem, com as armas, quaisquer, de que se possa dispor, sem grandes contornos morais, sem heróis.

¹⁰ Agamben, Giorgio *Homo Sacer – Le pouvoir souverain et la vie nue* Paris: Seuil,

¹¹ Ferreira, Aurélio B. de H. *Médio Dicionário da Língua Portuguesa* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

¹² Fanon, F. *Peau noires, masques blancs* Paris: Seuil, 1952

Uma política sem aquela arrogância dos discursos vitoriosos que podemos chamar de ideologia¹³.

Política dos poucos recursos, em um ambiente de penúria¹⁴; feita por pobres, insuficientes, carentes; cujo destino já não seria uma tomada do poder, ou a reconstrução de qualquer tipo de hierarquia, mas a horizontalização das relações; cujo modelo já não seria a autoridade patriarcal¹⁵, mas a fraternidade¹⁶. Política, que se desdobra em múltiplos jogos [estratégicos], na qual não há lugar para verdades absolutas ou interpretações definitivas, feita de vitórias efêmeras, e discursos que não se cristalizam, não se tornam arrogantes nem se convertem em discursos de poder¹⁷. Política necessária, sobretudo, aos diferentes, àqueles privados do poder de interpretar, àqueles aos quais é recusado o reconhecimento, a inteligibilidade – não podemos compreendê-los pois já não são capazes de dizer o que desejam, ou mesmo o que os faz sofrer. Parecem apenas poder queixar-se de sua dor¹⁸, sua miséria, sua vergonha.

Para esses, que muitas vezes se reconhecem apenas como doentes, trata-se então de reencontrar, na sua diferença, a positividade de uma existência singular. Afirmar a diferença significa não a auto-assunção de um não pertencimento ao mundo ou a busca desse pertencimento pela via única da sujeição [colocar-se simplesmente no lugar de vítima ou dedicar-se a

¹³ Barthes, Roland *Roland Barthes* São Paulo: Cultrix, s/d

¹⁴ Corrêa dos Santos, Roberto “A cultura e seus graus: temporalidade e pensamento” in *Cadernos do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos Ano 2, Nº2, Maio de 2002*.

¹⁵ Sennett, Richard *Autoridade* Rio de Janeiro: Record, 2001

¹⁶ Birman, Joel “Insuficientes: mais um esforço se quereis ser irmãos” in Kehl, Maria Rita *A função fraterna* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001

¹⁷ Barthes, Roland *Aula* São Paulo: Cultrix

¹⁸ Birman, Joel *Dor e sofrimento num mundo sem mediação* Trabalho apresentado ao 2º Encontro mundial dos Estados gerais da psicanálise.

alguma forma nostálgica de recuperação das instâncias de garantia], mas, ao contrário, o enfrentamento do mundo, do social, a partir de um lugar singular.

Tal diferença precisa ser, então, inteligível, ou seja: poder ser reconhecida pelo outro e circular como mais um jogo de verdade, mais uma possibilidade de enunciação – visão singular do mundo e de si mesmo – sem aniquilamento ou sujeição. Em um mundo onde já não há lugar para os grandes relatos¹⁹, na proliferação de narrativas fragmentares, enunciar a própria diferença é, para cada um de nós, sustentar enunciados pessoais que possam dar conta, a cada segundo, do nosso posicionamento no mundo, ao mesmo tempo que nos possibilitam a construção de uma história pessoal, pela articulação entre passado, presente e futuro, vinculação ao outro e afirmação de laços afetivos.

Reconhecer-se como diferente pode ser, então, nossa única possibilidade de estar no mundo, incluído em suas engrenagens, marcações de lugar, sem submeter-se ao assujeitamento a identidades pré-formadas, disponíveis em catálogo. Ser simplesmente diferente, sem cair em nenhuma tentação hierárquica, nem submeter-se à regra banal das oposições binárias que interditam qualquer possibilidade de negociação ou a construção de entre-lugares²⁰ – novos posicionamentos, multiplicação dos enfrentamentos, dos jogos de verdade e de poder. Afirmação da diferença, que se materializa na enunciação de uma singularidade, de um modo singular de estar no mundo e tornar-se presente para o outro.

¹⁹ Lyotard, Jean-François *A condição pós-moderna* Rio de Janeiro: Jose Olympio Editora, 2002

²⁰ Bhabha, Homi *O local da Cultura* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999; Ver tb.: Santiago, Silviano “O entre-lugar...” in Santiago, S. *Literatura nos trópicos* Rio de Janeiro:

Tal enunciação encontra seu apoio no trabalho de produção das fantasias, ou, simplesmente, fantasiar. Esse fantasiar [brincar de produzir verdades] não pode ser entendido, no entanto, como mero jogo combinatório de representações, ele está necessariamente submetido aos impactos da pulsão. É o que aparece de modo mais dramático na articulação com a idéia de compulsão a repetição²¹, mas que de algum modo se faz presente em outros momentos do pensamento freudiano, entre os quais a própria carta a Romain Rolland sobre o distúrbio de memória na Acrópole, onde não é possível escapar a uma economia dos afetos, da afetação da subjetividade em seu próprio corpo, sua própria carne, e que coloca em jogo a própria existência –vida e morte. O trabalho de fantasiar é, assim, justamente, o permanente ordenamento e reordenamento de tais movimentos e limites em uma rede de representações: construir a cada momento, o ponto de encontro entre as exigências da pulsão e os limites impostos pelo outro.

É quase unânime, no entanto, embora sujeito a diversos matizes, o reconhecimento pelos críticos da pós-modernidade, de que as subjetividades contemporâneas estão marcadas pela pobreza²². Pobreza material, fome. Pobreza também poética, carência de imaginação e de fantasia que nos aproxima de uma vida nua²³, sem qualidades. [Mas, afinal: “*a gente não quer só comida... você tem fome de que?*”²⁴] Vidas sem sentido, esvaziadas de desejo, que chegam aos nossos consultórios sem esperança, sem saber o que

²¹ Freud, S. “Mas allá del principio de placer” in Freud, S. *Obras completas* Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996

²² Birman, Joel *Mal-estar na atualidade* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999; Bauman, Zygmunt *Mal-estar na pós-modernidade* Rio de Janeiro: Zahar; Jameson, Friderich *A cultura do dinheiro* Petrópolis: Vozes,

²³ Agamben, Giorgio *op.cit.*

²⁴ “Comida”, canção de Arnaldo Antunes, Marcelo Frommer e Sérgio Brito.

fazer, sem ter exatamente com o que se queixar. Sem sonhos, sem sintomas. Apenas o sentimento envergonhado de quem não o sabe o que fazer ou pelo que deveria lutar, de que a vida não vai dar certo, de que tudo pode acabar a qualquer momento e nada terá valido a pena.

É nesse ambiente de penúria, que hoje se dá o psicanalisar. Reconhecer isso significa admitir que o fantasiar encontra atualmente enormes dificuldades no caminho do seu acontecimento. Seja pela impossibilidade da negociação com uma realidade dispersa, mutante e fragmentária; seja pela carência de recursos simbólicos que permitam ao movimento desejante ultrapassar os limites do narcisismo. O mundo de hoje nos oferece uma série quase infinita de identidades pré-formadas e possibilidades de gozo. Não nos deixa, contudo, espaço e tempo para a produção de outras possibilidades, singulares, de destino. Confinados a um espaço cada vez mais individualizado, redirecionamos a nossa ação para os limites do nosso próprio Eu, do nosso próprio corpo e assim perdemos a possibilidade necessária de fazer o nosso desejo deixar o campo do si-mesmo e agir na transformação do mundo. Orientados por uma ética/estética do desempenho, nos transformamos a cada momento procurando nos ajustar sempre a tais identidades preexistentes. Não podendo transformar o mundo, sentimos vergonha quando nele não nos encaixamos e fazemos do nosso viver um permanente trabalho de ajuste da auto-imagem. Pobre e envergonhados.

Na mitologia grega, arquivo de muitas das nossas fantasias, o amor nasce da Penúria que através de um ardil, aproxima-se do Recurso – estando este embriagado – e o seduz. Essa pequena mentira grega pode nos ensinar muitas coisas. Que o amor se dá em um artifício, fora de qualquer moral. Que é

preciso lidar com a própria deficiência, contorná-la, até escondê-la do outro e seduzi-lo ainda que ele pareça inalcançável.

Também o amor de transferência nasce de uma argúcia, uma encenação. Uma armadilha diante da qual o paciente se coloca – ao menos em certa medida – voluntariamente. Talvez para que ele também possa reconhecer a sua carência, sua pobreza, e ardilosamente construir a sua beleza e possibilidade de amar.

Permitir ao paciente o ardil, a mentira, o artifício. Para que ali a realidade se transforme. Estar disponível para verdades que surgem dos pequenos erros, acidentes, falhas. Fazer-se presente, ofertando-se ao paciente como sobra – afinal, *“não é possível o amor sem um certo esquecimento de si”*. Em uma clínica que se apoie nessas proposições, o trabalho [político] de uma análise começaria então pela construção de tal espaço de negociação onde a pobreza simbólica de cada indivíduo possa encontrar lugar. Onde a vergonha já não faça sentido – pequeno mundo que ele possa transformar até o ponto de encontrar-se. Nesse mundo, se não há lugar para grandes interpretações, não há também lugar para a abstinência ou a neutralidade. Nesse espaço de negociação é fundamental a presença do analista: um analista posto paradoxalmente como *corpo presente* e ponto de apoio para o trabalho de construção e reconstrução da subjetividade.

Trabalho de paciência, de contenção, de andar na beira do abismo, ao lado daquele que está em situação de pobreza, deixando-se seduzir e tomar os recursos, colher rastros, à espera de que, dessas sobras, inesperadamente surja a criação, nasça Eros. Essa é a nossa política.